



O DRIBLE ABSOLUTO

LIONEL ANDRÉS MESSI,

Bola de Ouro. Fifa, 2009-2012.

RAFAEL CAMPOS ROCHA

Lionel Andrés Messi é o epígono, o resultado de um processo histórico que passa pela revolução tática promovida pela seleção brasileira na Copa de 1970, por sua evolução positiva encarnada na seleção holandesa na Copa de 1974, e pela peculiaridade da escola argentina de promover jogadores altamente técnicos, que podem entrar em uma batalha campal de faltas violentas aceitando-as como o lutador de boxe aceita os jabs de seu adversário.

Como todo processo histórico, Lionel pode ser confundido com um ser humano particular, ou mesmo uma pessoa, ilusão que qualquer entrevista do craque pode facilmente desmentir. Afinal de contas, Lionel não o é: não emite opinião, não se irrita com as botinadas adversárias e só raramente com os companheiros. Não exhibe falsa modéstia, tampouco egolatria (a não ser por alguma improvável sugestão do seu departamento de marketing). Não falta aos treinos, não comete atos indisciplinados nem mesmo faltas em campo. Apaixonou-se pela mãe de seu filho desde a sua inexistente adolescência e — também desde essa data — conquistou quase todos os títulos que disputou, sendo em todas as competições o destaque e artilheiro absoluto, com exceção da Copa do Mundo (a Copa América é outra exceção, mas que o aproxima ainda mais de Pelé e Maradona, que nunca a venceram).

O que não deixa de ser um contraste no mundo da hiperpersonalidade, dos gênios opinativos da internet e dos gurus das redes sociais. Seus tuítes são evidentemente material do seu departamento de divulgação, como de qualquer outro supercraque. À diferença de Neymar, entretanto, cuja campanha para moldar uma personalidade carismática cria situações embaraçosas como o “Eu fiz história”, na final da Libertadores da América de 2011, e o não menos desagradável e premeditado “O que tivemos aqui foi uma lição de futebol”, depois da derrota para o Barcelona no

Mundial de Clubes da FIFA em 2011. (Para a alegria dos saudosistas da Forma como Conteúdo sedimentado, ainda existe um Balotelli, que se recusa a cumprimentar a seleção espanhola na final da EuroCopa, tem uma camiseta com os dizeres “Por que sempre eu?”, que exhibe quando faz gols, e diz que nunca jogaria no Barcelona por ser “um time de garotas”. Sem contar o fato extraordinário e realmente histórico de ser o primeiro negro a integrar — e com brilho — a seleção italiana).

Nada disso aparece na carreira de Messi. Nem mesmo o deplorável terno com que recebeu, pela quarta vez consecutiva, o prêmio de melhor jogador do mundo, tem a força do anterior terno de bolinhas do gênio da imagem televisiva Maradona. O sorriso aparvalhado do craque do Barcelona, durante os minutos em que foi aplaudido de pé por quase toda a audiência no seu último prêmio da Fifa, demonstra o espanto abismal do agente histórico frente à própria História que ajudou a construir.

Segundo Pep Guardiola, em entrevista coletiva logo após a conquista do segundo Campeonato Mundial de Clubes, sobre o Santos, essa história começa com a seleção brasileira de 1970. Evidentemente, havia algo de deferência para com o adversário massacrado, mas ainda assim chamou a atenção para um período extremamente tático do futebol brasileiro, que o folclore populista transformou em “espontâneo” e “irreverente”. Em nenhum momento vemos essa irreverência nos filmes da Copa de 1970. O que vemos é um time sóbrio, compacto, solidário, de passes simples para o companheiro desmarcado e fisicamente superior aos adversários. Pelé, considerado o jogador daquela copa, trocou os malabarismos e dribles desconcertantes de temporadas anteriores por toques simples e eficientes.

Avitória de um time que mantinha a individualidade na coletividade, com máxima eficiência (ganhou todos os jogos das eliminatórias até a final), parecia mais um passo na confirmação da hegemonia brasileira nas Copas do Mundo. Mas formas de jogar podem ser imitadas, e mesmo aperfeiçoadas, e foi o que fez a seleção holandesa de 1974, que espanta até hoje pela sua atualidade. Afinal, assistir à “Laranja Mecânica” é como assistir ao atual Barcelona: a posse de bola acachapante, mantida pela troca constante e precisa de passes entre jogadores de alto nível técnico, a troca de posições e funções de cada jogador de acordo com o andamento da partida, impedindo uma marcação efetiva por parte do rival e, por fim, a marcação sob pressão do adversário, ainda em seu campo de defesa. Desse time, além do técnico Rinus Michels, o craque polivalente Johan Crujff reina sobranceiro em todas as narrativas esportivas tecidas sobre o “Carrossel Holandês”. O meia poderia ser visto realizando, dentro de um mesmo jogo, além da articulação de jogadas típica da posição, cruzamentos da linha de fundo como um tradicional ponta, arremates para o gol como um centroavante ou mesmo dando combate como um volante de retenção.

Além de sua seleção e no Ajax, Cruijff fez história no Barcelona, primeiro como jogador, tirando o time de um longo jejum de títulos nacionais, e depois como técnico campeão da Europa, com craques como Laudrup, Stoichkov e um volante de passe preciso, em linha reta, muito calmo na cobertura, chamado Pep Guardiola. Quando Guardiola tornou-se técnico do Barcelona, em 2008, grandes craques e divas do futebol como Ronaldinho Gaúcho e Eto'o estavam em franco declínio. Sua primeira iniciativa foi afastar as megaestrelas e seu natural histriionismo na linha lateral do gramado e pregar o futebol preciso, solidário, rápido, e — talvez essa seja a grande revolução — contrário até mesmo à imagem televisiva (não são poucos os espectadores que acham aborrecido o atual time do Barcelona). A segunda foi promover jogadores criados na base do Barcelona, adestrados na tradição de jogar futebol a que nos referimos. Entre esses jogadores, um jovem argentino de 20 anos teria a missão de ser o protagonista da mais fabulosa esquadra de futebol das últimas décadas. Espantosamente, o plano deu certo.

O Barcelona é uma equipe que joga o futebol de campo como se fosse um esporte de quadra, com a mesma precisão e intensidade que o basquete americano, e a incrível variedade de jogadas — apenas aparentemente idênticas — do voleibol. A sua já célebre triangulação na troca de passes difere da dos outros times pela imprevisibilidade do receptor ou finalizador, como nos ataques dos esportes de recinto fechado, com a diferença do espaço e do número de jogadores envolvidos, o que, obviamente, amplia ainda mais o repertório e a possibilidade de resultados surpreendentes.

Messi é, por um lado, a coluna central desse corpo volátil e incandescente que é o time do Barcelona, e, por outro, o elemento necessário de Caos de uma equipe que poderia ser excelente, mas cartesiana, tendo em Iniesta e Xavi um ou outro drible mais profundo, ou lançamento inesperado. O brasileiro Daniel Alves também cumpre essa função, mas pode ser facilmente anulado por um bom lateral esquerdo, ou mesmo um zagueiro avançado. Com Messi não sabemos o que pode acontecer. O que é um paradoxo em um jogador obcecado por um repertório aparentemente limitado de jogadas, realizadas à perfeição, como Romário e Garrincha, ou o tradicional drible em que Zidane sobe na bola. Mas, para o espectador atento, duas pinturas de Albers nunca são idênticas. E assim como o pintor alemão, Messi tem o extraordinário dom de fazer sempre o mesmo parecer diferente, em mais uma denúncia inconsciente da personalidade, artística, social ou futebolística, como “Sintoma”, do mesmo modo que Lacan tratava o Ego. Ainda que pareça limitado, o repertório de Messi é quase infinito, como destacou inúmeras vezes Tostão, graças à sua capacidade de atuar em inúmeras funções em vários lugares do campo, no melhor estilo Johan Cruijff.

Quando começou, jogando mais pelas pontas, era praticamente irre-freável sem as faltas violentas que a falta de experiência não o permitia evitar. Ainda hoje, quando se desloca pela ponta esquerda, é capaz de passar por quantos adversários se interpuserem para alcançar a linha de fundo e cruzar para trás. Pela ponta direita é ainda mais mortal, e por ali faz uma de suas jogadas mais conhecidas, driblando de um a dois adversários, abrindo espaço para um chute de curva no ângulo oposto. Se os adversários se mantiverem boquiabertos, pode passar por até quatro deles atravessando toda a área, e chutar rasteiro no canto oposto do goleiro. Jogando como centroavante, apesar de menos espetacular, acumulou cinquenta gols em um semestre (mais ou menos o que os grandes atacantes contemporâneos conseguem em um ano) e mostrou-se igualmente mortal. Quando o jogo está garantido, atabalhoado ou violento, retrocede até o meio de campo e compõe um triângulo com Iniesta e Xavi que pode monopolizar o jogo até praticamente a desistência do adversário.

Mas a sua grande posição é como ponta de lança. Messi é um camisa 10 de fôlego e com faro de gols, como Zico e Kaká, e que, apesar do drible irresistível, é sempre generoso e procura passes em profundidade ou mesmo encontra companheiros escondidos em meios aos zagueiros a poucos passos do gol. Recebendo a bola pouco depois do meio de campo, ou entre os volantes e os zagueiros (como salientou várias vezes o especialista Paulo Vinícius Coelho), avança sempre em linha reta, quase sempre catapultado pelo pontapé inicial de algum meio-campista adversário — pontapé que não passa de um presságio do castigo que irá receber, adiante, de zagueiros e laterais. E é aí que entra a tradição argentina.

Em 2004, quando o atacante argentino Carlos Tevez debutou em seu primeiro Palmeiras e Corinthians, várias pessoas que estavam no estádio — inclusive palmeirenses — temeram estar presenciando um linchamento com transmissão televisiva. Ao ser perguntado sobre a violência, pareceu não entender — talvez tivesse perdido algum lance isolado de pugilato, preocupado que estava em manter as rótulas dentro das cartilagens. Para o atacante havia sido um jogo normal. Os filmes de Kempes e Maradona chegam a ser exasperantes. Kempes, alto, parece estar sempre em queda livre e, mesmo nos filmes antigos vistos muitas vezes, nos assustamos quando consegue ressuscitar de dentro da meta adversária para comemorar um gol. Maradona é ainda mais marcante, um pequeno mamífero espancado por todos os lados enquanto saltita em busca do tesouro do gol inimigo. Com Messi é a mesma coisa, somada à sua misteriosa habilidade de, aparentemente sem mudar de passada, fazer com que o adversário atravesse suas pernas sem tocá-lo. Sem dúvida um dos seus truques de prestidigitação mais impressionantes, que funciona até mesmo para os letais carrinhos por trás.

* * *

Muito antes de tornar-se o goleador faminto dos dias atuais, Messi conquistou fama internacional por sua forma peculiar de driblar. O argentino evita malabarismos — um contraste com outras estrelas do futebol dos últimos anos — e aproxima-se de forma quase ofensiva de seu marcador antes de livrar-se dele com no máximo dois movimentos.

Cabe aqui ressaltar a diferença entre “drible”, “corte” e “finta”. Mais do que variações ontológicas do mesmo gesto, são jogadas diferentes.

O corte acontece em situações de vantagem desproporcional do atacante com relação ao defensor, ou seja, o segundo está desesperadamente tentando interceptar uma jogada que já aconteceu. O corte é fruto do sangue-frio e de algum sadismo. É o golpe humilhante que faz o defensor escorregar no gramado em direção à linha de fundo, antes do gol inevitável. A finta é a capacidade de, com um jogo de corpo, desanuviar temporariamente a visão para a finalização ou o passe. Muitas vezes a finta pode ser somente uma desagradável demonstração de virtuosismo televisivo, ainda mais quando acontece na lateral do campo, mais próximo das câmeras e das numeradas, e providencialmente longe do gol. O drible é a capacidade de colocar correndo atrás de você um homem que um segundo atrás estava na sua frente. O drible pode conter a finta e o corte, mas não o contrário. O drible é a capacidade que um jogador tem de se livrar de um rival para enfrentar o próximo oponente. Entre os dribles, entretanto, existem dois tipos, o chamado “drible em velocidade” e o temporariamente apelidado, neste texto, de “Drible Absoluto”.

O drible em velocidade exige perícia, mas muitas vezes constitui-se em fintar o rival a uma distância razoável e disparar por um atalho do campo. Era a especialidade de Ronaldo e Van Basten.

No Drible Absoluto os adversários costumam estar próximos no momento do embate. Às vezes as testas estão a menos de um braço de distância. Podem estar em velocidade muito baixa, mas o Grande Drible Absoluto, por assim dizer, é o Drible Absoluto Parado. Acontece na imobilidade dos duelos de faroeste cinematográfico. No momento do Drible Absoluto Parado, todos os outros jogadores guardam uma distância respeitosa e ritual. É um homem contra o outro e, como no boxe, a derrota é derrota absoluta, para qualquer um dos lados. Messi é o último artífice do Drible Absoluto Parado que resulta em gol.

Por dominar todas essas categorias de drible, aliadas a sua condução da bola, em extrema velocidade e muito próxima ao corpo, o argentino está capacitado a fazer, muito mais vezes que qualquer atacante dos últimos trinta anos, a jogada mais celebrada do futebol, o gol em que vários adversários são driblados até a conclusão nas redes. É por isso que Lionel Andrés Messi é o maior jogador de futebol da atualidade.

RAFAEL CAMPOS ROCHA é ilustrador, cartunista e autor de *Deus, essa gostosa* (Companhia das Letras, 2012).

aalto
barragán
corbusier
de carlo
eames
foster
gropius
hadid
isozaki
jacobsen
kahn
lissitzky
moneo
niemeyer
oma
portzamparc
quaroni
rocha
siza
tatlin
utzon
vitruvius.com.br
wright
x-urban
yamasaki
zumthor

ESTE NÚMERO FOI FINANCIADO PELA
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS